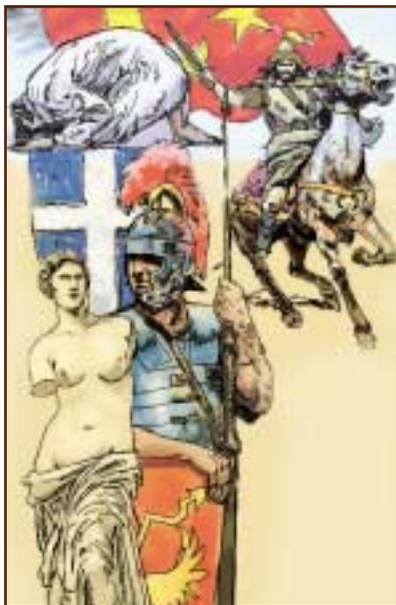


# A PEDAGOGIA COMEÇA NA GRÉCIA ANTIGA

O pensamento de Platão e Aristóteles deu origem às duas correntes que orientaram a filosofia da educação até os dias de hoje

Márcio Ferrari



**P**or trás do trabalho de cada professor, em qualquer sala de aula do mundo, estão séculos de reflexões sobre o ofício de educar. Mesmo os profissionais de ensino que não conhecem a obra de Aristóteles, Rousseau ou Durkheim trabalham sob a influência desses pensadores, na forma como foi incorporada à prática pedagógica, à organização do sistema escolar, ao conteúdo dos livros didáticos, ao currículo de formação dos professores.

Se desde a Antiguidade homens e mulheres investiram no esforço de pensar a educação é porque educar sempre foi um dos meios pelos quais os grupos humanos asseguraram sua sobrevivência. Nas sociedades primitivas, a educação era uma tarefa coletiva. Cabia aos adultos apresentar às crianças e aos jovens os códigos e valores do grupo, levá-los a adotar um determinado comportamento e até a assumir um papel determinado na estrutura social.

À medida que as sociedades ficaram mais complexas, a educação passou a ser uma atividade setorializada, conferida a especialistas. A tarefa que antes era difusa e exercida por todos, tornou-se prerrogativa de apenas algumas pessoas, os

professores, e, em geral, a se concentrar em lugares específicos, as escolas.

Foi com o amadurecimento das sociedades que surgiu o pensamento pedagógico, sempre entrelaçado com a filosofia. Prova disso é que os três primeiros pensadores da educação a deixar uma obra cuja influência chegou a nossos dias foram também os nomes fundadores da filosofia ocidental, os gregos Sócrates (469-399 a.C.), Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.).

## Pioneiros e opostos

As concepções de Sócrates sobre educação já prefiguram um dos principais embates pedagógicos, que, de algum modo, se repetem ao longo dos tempos. O filósofo se opunha aos pensadores sofistas, educadores profissionais da época, que se guiavam pelo critério da utilidade daquilo que ensinavam. Prometiam preparar alunos para uma carreira de sucesso na política e centravam suas aulas no ensino da retórica (oratória). Já Sócrates acreditava que o objetivo da educação era transmitir conhecimento desinteressado, com o fim de preparar o homem para seguir o caminho da virtude e a busca da sabedoria.

MILTON RODRIGUES ALVES

Sócrates não deixou nenhum texto escrito. Seu pensamento sobreviveu a ele graças à obra de seus discípulos. Platão foi o principal deles e forma, com Aristóteles, as bases do pensamento ocidental. A educação, segundo a concepção platônica, deveria testar as aptidões dos alunos de modo que apenas os mais inclinados ao conhecimento recebessem a formação para se tornarem governantes. O filósofo afirmava que os políticos deveriam ser filósofos e vice-versa.

Platão formulou modelos para o ensino porque considerava ignorante a sociedade grega de seu tempo. Por seu lado, Aristóteles, que foi discípulo de Platão, planejou um sistema de ensino bem mais próximo do que se praticava realmente na Grécia de então, equilibrado entre as atividades físicas e intelectuais e acessível a grande número de pessoas.

De maneira simplificada, Platão e Aristóteles passaram à história como polos fundadores e opostos do pensamento ocidental porque o primeiro se aproximou do idealismo (voltado primordialmente para as idéias) e o segundo do realismo (com atenção principal às coisas). O primeiro se voltou para a vivência interior, a primazia do indivíduo, do sujeito e da vontade. O segundo para a experiência prática, a primazia do coletivo, do objeto e da inteligência.

Tomando como parâmetro a interação dialética entre os dois polos ao longo da história, Carlos Roberto Jamil Cury, professor aposentado de Filosofia da Educação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, orientou o quadro de afiliações filosóficas que você encontra anexado à capa desta edição. Trata-se de um modo de exposição que possibilita apreender a história do

pensamento pedagógico como um todo, segundo um critério possível (mas não absoluto). Nele você poderá relacionar simplificada e os principais pensadores da educação com as épocas históricas em que viveram.

Um mérito desse tipo de esquema é explicitar a evolução do conhecimento humano, por meio das relações das escolas de pensamento entre si e delas com o saber científico. Por isso, você encontrará no quadro não só os grandes nomes da pedagogia mas também, como referência, alguns dos principais filósofos da história, mais conhecidos por contribuições em outras áreas do conhecimento (caso de Immanuel Kant e Karl Marx, por exemplo).

## Educação na Idade Média

Das matrizes aristotélica e platônica, o quadro nos leva até a Idade Média, período em que o cristianismo dominou o mundo das idéias. Por algumas de suas

## Por oito séculos, a Europa cristã ignorou a obra de Aristóteles, que defendia a procura da verdade no mundo real

características, o platonismo foi filtrado, adaptado e adotado pelo cristianismo como filosofia oficial, que passou para a história como neoplatonismo. Os filósofos dos primeiros séculos depois de Cristo identificaram no pensamento platônico ideais de perfeição, transcen-

dência e revelação da verdade que podiam ser relacionados ao Deus cristão.

O princípio da revelação da verdade e a subordinação do pensamento filosófico ao ensinamento religioso cristão foram as bases da doutrina escolástica, que dominou toda a Idade Média, abarcando sucessivas e bem diversas correntes. Seu grande precursor foi Santo Agostinho (354-430). Num período de colapso do Império Romano, invasões bárbaras e estilhaçamento das culturas, o agostinismo, que tinha a *Bíblia* como cartilha, manteve viva uma educação que não podia prescindir de certo grau de alfabetização, lógica e retórica, embora restrita a nobres e religiosos, e mesmo assim nem todos.

Durante mais de oito séculos, a Europa cristã ignorou o pensamento de Aristóteles, que encorajava a procura da verdade no mundo real e por meio da indagação livre, além de defender a primazia dessa verdade sobre a noção de virtude – princípios incompatíveis com o dogmatismo religioso. A obra aristotélica só voltaria à tona no fim da Idade Média, com a invasão dos mouros – que a haviam preservado –, o ressurgimento das cidades e, com elas, de uma burguesia ligada ao comércio, pouco identificada com a resignação espiritualizada representada pelo agostinismo.

Afinado com a nova ordem, São Tomás de Aquino (1224/5-1274) revolucionou o pensamento escolástico ao adaptar o aristotelismo à doutrina religiosa. O tomismo (escola de pensamento de São Tomás) inaugura o racionalismo cristão, segundo o qual a fé pode ser respaldada no raciocínio. De um sistema que se baseava no princípio de que “eu entendo o mundo porque creio”,

passava-se a adotar o lema “eu creio porque entendo o mundo”.

Para a educação, o tomismo teve grande importância, porque introduziu o princípio da disciplina intelectual e a noção de que por meio da razão – e portanto do estudo – se atinge o conhecimento, a felicidade e a virtude. Foi sob essa influência que os políticos começaram a pressionar a Igreja a estender a educação aos leigos pobres e que surgiram as primeiras universidades.

### **Pensamento humanista**

Quando chegou o século 14, a Europa havia se voltado de novo para o saber helenístico. O feudalismo cedia lugar a Estados nacionais, e as universidades, embora fiéis à teologia, já davam atenção também ao conhecimento científico. Começava a fase da cultura européia, e também da educação, conhecida como humanismo. A prioridade ao espírito deu lugar ao ser humano como interesse e medida do conhecimento.

A tradução mais eloqüente dessa visão de mundo foi a Itália renascentista. Dentro de certos limites, a liberdade de ação, pensamento e expressão estava em alta – mas isso se traduzia numa escola apenas para nobres e burgueses ricos. Foi um tempo de obras de arte monumentais e questionamento dos dogmas e imposições intelectuais. Nutridos por esse espírito, autores formulavam sátiras e utopias para comentar o mundo como era e como gostariam que fosse. Muitas dessas obras falam de perto à educação, como *O Elogio da Loucura*, do holandês Erasmo de Roterdã (1469-1536), e *Gargântua e Pantagruel*, do francês François Rabelais (1495-1553).

A criança começou a ser vista como

um ser com natureza própria e a escola se tornou um local de expansão do espírito e aprendizado do “fazer”. As ciências ganhavam, depois de séculos, independência e método – o filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) proclamava que o conhecimento e a natureza estão à disposição do ser humano e que a ciência avança pela experiência empírica.

Novos sistemas políticos e sociais também se desenvolveram nos países europeus que, por razões variadas, romperam com a Igreja Católica no século 16. A Reforma de Martinho Lutero (1483-1546) na Alemanha, que originou o protestantismo, foi a mais célebre das rupturas e influenciou profundamente na educação. Tendo a livre interpretação da *Bíblia* como um de seus pilares, o protestantismo valorizou a alfabetização e o ensino de línguas – e, mais importante, pregou o acesso de todos a esse conhecimento. Os reformadores religiosos de-

## **Tendo a livre interpretação da Bíblia como pilar, o protestantismo valorizou a alfabetização**

fendiam a formação de uma nova classe de homens cultos, dando origem ao conceito de utilidade social da educação.

### **Razão e liberalismo**

A Igreja Católica reagiu com um movimento em várias frentes, a Contra-Reforma. Na educação, os principais ato-

res dessa “ofensiva” foram os religiosos jesuítas, membros da Companhia de Jesus, ordem católica fundada pelo espanhol Inácio de Loyola (1491-1556). Sua concepção de ensino se baseava em rígida disciplina intelectual e física, hierarquia autoritária, desestímulo à iniciativa individual, competição entre os alunos, professores com formação erudita. Os jesuítas têm importância especial para a Península Ibérica e o Brasil, onde foram os primeiros educadores enviados pelos colonizadores europeus.

No século 17, enquanto o absolutismo triunfava como forma de governo numa Europa que se subdividia em estados cada vez menores, religião e racionalismo tentavam conviver na cultura e, portanto, na educação. Na obra dos grandes filósofos, a razão nascia de um sopro divino, mas era a única certeza do homem na vida terrena, como afirmou o mais emblemático pensador do período, o francês René Descartes (1596-1650). Na educação, o grande nome racionalista foi o do tcheco Comênio (1592-1670), que revolucionou o modo de encarar a criança, prevendo um ensino que respeitasse a capacidade e o interesse do aluno sem severidade nem recurso a castigos corporais.

O século terminou com o despontar do liberalismo, no pensamento do inglês John Locke (1632-1704), cuja teoria do conhecimento expressou a convicção de que as idéias nascem da experiência e não são inatas no ser humano. A educação formadora do caráter e do intelecto, preconizada pelo filósofo, assim como seu liberalismo na economia, influenciaram grandemente os filósofos das luzes, no século 18, um dos temas do artigo a seguir.